

## Parceria com o governo

A trajetória de Adão Domingos Reis, 45, meio oficial de pedreiro, emociona. Nascido surdo, começou a falar apenas aos 8 anos, enquanto trabalhava para sustentar os pais, que, segundo ele, sempre foram prioridade em sua vida. Por um tempo, tentou conciliar os estudos e o trabalho, mas em certo ponto, não via mais possibilidade, então abandonou os estudos.

Domingos passou a frequentar as aulas dentro dos canteiros de obra da Fange logo no início da parceria entre a construtora e a Secretaria de Educação, há mais de 10 anos. O operário entende como a vida pode ser árdua para aqueles que não seguem com os estudos, mas afirma, também, que nem sempre isso se dá devido às escolhas de cada um, mas, sim, pelas condições financeiras.

O operário destaca as habilidades adquiridas ao longo dos anos em que participa do projeto: “Já sei fazer Pix e até sei fazer contas no banco”, destaca. Ele afirma que, agora, a leitura e a escrita não representam um grande problema em sua vida, pelo contrário, consegue realizar as tarefas do dia a dia sem auxílio de ninguém.

Alessandro Lourenço de Sousa, 47, também faz parte do grupo de estudantes

beneficiados pelo programa. O servente de pedreiro abandonou os estudos muito jovem, quando estava no segundo ano do ensino fundamental. Para ele, o que o levou a sair da escola onde estudava no Nordeste foi uma situação específica, em que durante uma brincadeira maldosa em sala de aula, um colega puxou sua cadeira e o feriu gravemente, levando-o a passar algum tempo internado.

Após o trauma, Alessandro focou apenas em trabalhar e deixou de lado os estudos, porém quando entrou na construtora, ao saber das salas de aula dentro dos canteiros, fez contato com a responsável pelo projeto e pediu para participar e retomar os estudos. Segundo ele, algo que marca sua evolução é o fato de conseguir tirar os documentos por meio da assinatura, não mais com a digital.

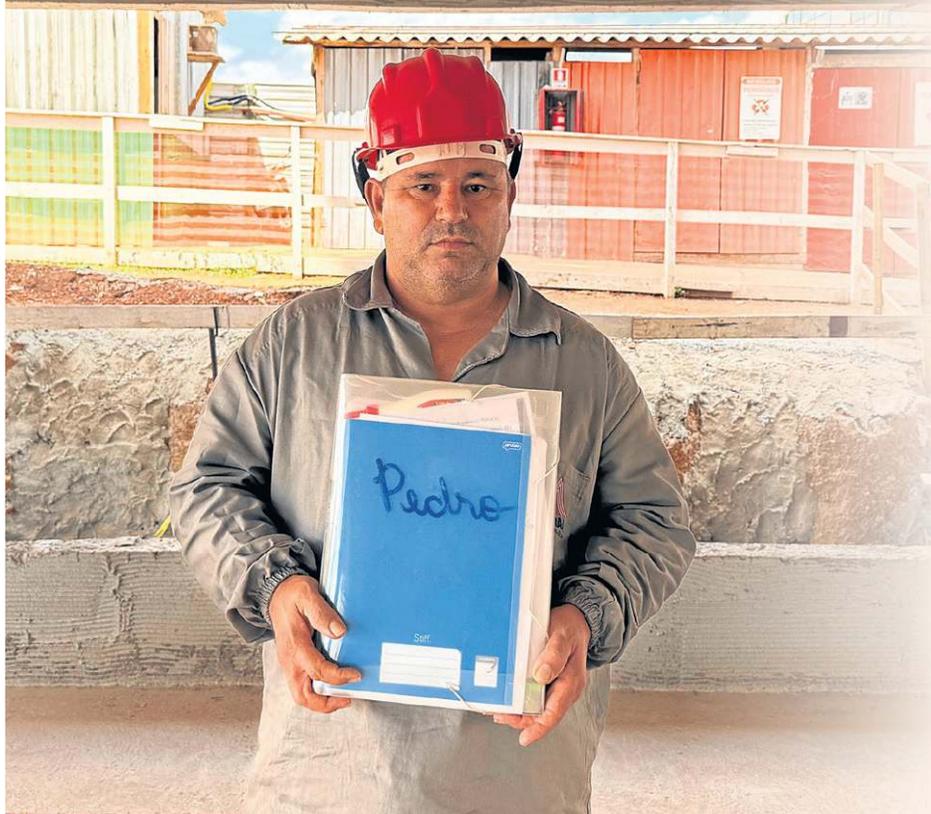
A iniciativa é benéfica não apenas para operários e servidores, mas também para os empresários que optam por aderir a ela. Segundo Leonardo Ávila, 49, sócio-fundador da Faenge, devido à implementação do projeto nos canteiros de obra, em 2012, o rendimento dos operários a permanência deles na empresa aumentaram, assim como a organização do espaço de trabalho. O empresário atribui isso ao sentimento de pertencimento dos operários, que, ao notarem que a empresa enxerga além da mão de obra, acabam por entregar-se mais às funções.

FAÇO PARTE,  
E, 26 ANOS  
ALFABIZAÇÕES.



Adão Domingos Reis nasceu surdo: está há 10 anos no projeto de alfabetização

Pedro Antônio, 50 anos, deixou de estudar na idade certa porque nasceu na área rural



## Cidadania garantida

“Minha filha caçula me dizer que vai tirar dúvidas comigo é muito gratificante, é um sinal de que estou no caminho certo”. diz o operário de construção civil, Erasmo Souza Coelho, 58, que nasceu no Maranhão e, ainda, jovem mudou-se para Brasília em busca de melhores condições de vida. Erasmo é um dos beneficiados pelo programa de alfabetização nas construções da Conbral.

O projeto de alfabetização em canteiros de obra teve início em 1991, tendo a construtora Conbral como pioneira na iniciativa. Mais de 1.500 operários foram beneficiados pela parceria. Geraldo Gomes, 58, coordenador pedagógico da instituição, destaca a importância do programa: “O funcionário ter o conhecimento, conseguir ler uma bula de remédio a ser ministrada ao seu filho, pegar ônibus e utilizar um caixa eletrônico é muito valioso”.

Pedro Antônio Oliveira, 50, nascido no Piauí, atribui a falta de estudos à realidade vivida na cidade natal. Segundo ele, a vida na área rural impossibilita as crianças de frequentarem as instituições de ensino, devido a necessidade de ajudar nas colheitas e demais tarefas.

O ajudante de pedreiro diz que, apesar da falta de oportunidade na infância,

para a sua filha mais velha, de 11 anos, não faltarão oportunidades, segundo ele: “O que um pai pode dar de mais valioso a um filho são os estudos”. Oliveira afirma ser ativo na comunidade escolar de sua filha, participando de reuniões e incentivando os estudos. Para a caçula, de oito meses, ele garante que também estará sempre incentivando, pois sabe a importância da formação.

O empresário Daniel Muniz, 39, gerente de operações da Conbral, destaca a importância do projeto para garantir a cidadania dos funcionários, além de assegurar a devida segurança no ambiente de trabalho, de tal forma que, com a alfabetização, os operários passam a entender as placas de segurança por meio não apenas das imagens, mas também com as mensagens escritas.

Para Muniz, a colaboração com o Senci abre portas a diversos funcionários, que podem sair de funções primárias dentro do setor da construção civil e alcançar os mais altos cargos. Além disso, ele pontua como a colaboração entre os operários e os empresários funciona de modo a beneficiar ambas as partes. “Quando o colaborador cede 30 minutos do seu tempo de descanso e o empresário 30 minutos do período de trabalho, isso reforça o compromisso de ambos com a educação”, conclui.

\*Estagiária sob a supervisão de Ana Sá